

Conteúdo vomitado: como a Veja online aborda a bulimia¹

Ingrid Rocha de Moraes (UCDB)²

Jacir Alfonso Zanatta (UCDB)³

Resumo: O principal objetivo deste texto é analisar como as ‘doenças da alma’, especificamente a bulimia, está sendo abordada pela mídia nacional. Utilizamos como objeto de estudo para esta pesquisa documental, os 53 exemplares do acervo digital da revista Veja do ano de 2016. Foram analisados 1384 anúncios publicitários e 1003 textos jornalísticos no período de janeiro a dezembro. De todo o material coletado, apenas dois textos jornalísticos abordavam a bulimia. A bulimia está relacionada às doenças da imagem. Entendemos que o mal-estar contemporâneo se inscreve no corpo, na ação e na intensidade, se caracterizando como dor que não pode ser simbolizada. A metodologia utilizada na análise dos dados tem como base um modelo qualitativo com foco na análise de conteúdo. Buscamos compreender como os profissionais da mídia abordam a bulimia. Desta forma, este artigo pretende defender o argumento de que por trás das notícias existe um modelo ideológico que contribui disseminar uma compreensão do senso comum no que se refere às doenças psíquicas. Concluimos assim, que os anúncios e os textos analisados acabam contribuindo para solidificar o modelo biomédico de saúde-doença, sem que exista uma preocupação clara por parte dos profissionais que atuam na mídia, com a prevenção e conscientização sobre os impactos dos transtornos alimentares nas famílias e na sociedade.

Palavras-chave: Transtorno Alimentar. Bulimia. Doenças psíquicas. Cibercultura. Revista.

¹ Artigo enviado na modalidade cibercultura e mídia

² Ingrid Rocha de Moraes é acadêmica do Curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e aluna pesquisadora do PIBIC/UCDB. E-mail: ingrid.roch@icloud.com

³ Doutor em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e mestre em Psicologia pela (UCDB). Formado em Psicologia pela (UCDB), Jornalismo pela (UFMS) e Filosofia pelas Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (FUCMT). Professor da UCDB, membro do Comitê Científico e vice-presidente do Comitê de Ética na Pesquisa (CEP/UCDB). E-mail: jacirzanatta@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esse artigo busca mostrar como vem sendo tratado o tema da bulimia nervosa nas edições do ano de 2016 da revista Veja. Foi pesquisada nas revistas a palavra bulimia, e só foi encontrada uma matéria sobre esse assunto. O texto utilizava o transtorno alimentar como um exemplo de uma outra doença. Isso mostra que a revista não procurou tratar desse assunto em suas edições. Para a produção do presente artigo analisamos 1003 matérias jornalísticas e 1384 anúncios publicitários veiculados nas 53 edições da revista. Desta forma, o artigo tem como objetivo mostrar como esse transtorno alimentar vem sendo abordado pela revista e, se existe uma preocupação em falar sobre o tema.

A bulimia se caracteriza por episódios de falta de controle sobre o comportamento alimentar, o que desencadeia sentimentos de culpa e angústia. Este transtorno alimentar possui causas multifatoriais, envolvendo questões sociais, genéticas e biológicas. É importante saber que as transformações sociais, econômicas e culturais na contemporaneidade modificaram também as formas de constituição da subjetividade e exercem influência nos transtornos alimentares. Essas mudanças são consequências que estão diretamente ligadas a passagem da modernidade para a pós-modernidade. Sendo assim, a grande valorização do individualismo, do consumo e do mundo das imagens, junto com a excessiva quantidade de informações, substitui a troca de experiências, trazendo assim o empobrecimento da vida interior e a dificuldade de simbolização.

2. METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta é uma pesquisa qualitativa que busca ver e fazer ver como o ser humano constrói o seu mundo a partir de significados e sentidos que se mostram e se ocultam na linguagem. É importante lembrar que os dados coletados em uma pesquisa possuem seu significado e sentido na linguagem e, por esta razão, estão aptos de análise de corte hermenêutico. Com isso, podemos afirmar que uma

pesquisa qualitativa com um olhar psicanalítico é uma pesquisa que está aberta às categorias emergentes. Categorias estas que surgem dos horizontes de alteridade e não dos meus horizontes analíticos, colocando-os em questão à medida em que questiona a própria forma de se fazer pesquisa.

Com esta breve introdução é possível notar que cada método possui uma maneira particular de constituir seu objeto de estudo. É dentro deste contexto que Spink (2011, p.115) defende que “vemos o mundo e o interpretamos a partir das viseiras de nossos preconceitos”. Percebe-se assim, que não basta ter um método para desenvolver uma pesquisa, é preciso saber utilizar o método mais adequado para cada pesquisa. Dentro desta mesma perspectiva de trabalho, Almeida e Cunha (2003) mostram que a ciência tem a ambição de intensificar o papel de explicadora da realidade, definindo regras, através de seus modelos teóricos, que acabam, também, por especificar e prescrever as ações humanas. Ações estas, que para Lahlou (2011) é construída por meio de um trabalho coletivo. Desta forma, o princípio da construção científica é uma divisão do trabalho de pesquisa, onde o trabalho de cada um é balizado e as contribuições são sistematicamente justificadas e alinhadas.

De acordo com Bardin (2009) caracteriza fundamentalmente a análise de conteúdo o fato de se tratar, ainda que soe redundante, de uma estratégia analítica, sistemática, objetiva e descritiva, que objetiva inferir as variáveis que condicionam a produção e a recepção dos dados, discursos e conteúdos analisados. O objetivo fundamental da análise e da inferência de variáveis condicionantes é passar do sentido comum e do subjetivismo a uma interpretação mais crítica da produção de conteúdo. Dentro desta perspectiva buscamos esta pesquisa foi desenvolvida utilizando o banco de dados digital da revista Veja onde analisamos as 53 edições do ano de 2016. Observamos os textos jornalísticos e os anúncios publicitários buscando observar como a bulimia vem sendo abordada nas páginas da revista de maior circulação nacional.

3. BULIMIA

De acordo com Cardoso e Santos (2014) os transtornos alimentares são quadros psicopatológicos marcados por grave comprometimento do comportamento alimentar que, na maioria das vezes, afetam adolescentes e adultos jovens do sexo feminino. A Bulimia se caracteriza por episódios de falta de controle sobre o comportamento alimentar, o que desencadeia sentimentos de culpa e angústia. Diversos fatores são reconhecidos por contribuírem para a predisposição, instalação e manutenção dos sintomas tais como a dinâmica familiar, o ambiente sociocultural e o funcionamento da personalidade. Em relação aos aspectos emocionais, a literatura mostra que o funcionamento afetivo-emocional encontra-se muito perturbado nos quadros psicopatológicos caracterizados por grave perturbação do comportamento alimentar. Por razões peculiares, pacientes com transtornos alimentares associam à alimentação sentimentos intensos de medo, culpa e ansiedade.

Cardoso e Santos (2014) mostram que o perfil de personalidade dos pacientes com transtornos alimentares é uma constelação de características como: baixa estima, elevada ansiedade, perfeccionismo extremo, pensamento dicotômico, incapacidade de encontrar formas adequadas de satisfação. As pessoas com este tipo de transtorno também apresentam tendência à segregação e ao isolamento social, implicando na deterioração da qualidade de regularidade das relações sociais, humor depressivo, invasão dos afetos, bem como dificuldade em identificar as próprias emoções ou em ser empático à emoção do outro. A bulimia segundo o dicionário de língua portuguesa, Aurélio, de Ferreira (1999), é um distúrbio que tem predominância em mulheres. Comumente ela acontece na fase da adolescência ou no começo da fase adulta. A sua característica é a ingestão excessiva de alimentos, que causam um desconforto abdominal. Depois de a bulímica sentir o desconforto, procura maneiras inadequadas, como por exemplo, a indução ao vômito ou o uso indevido de laxantes, tudo isso para não ficar obesa.

Buckroyd (2000) explica que essas tais “orgias alimentares” (comer compulsivamente), juntamente com os vômitos, eram feitos pelos romanos, mas não era registrada na literatura médica, como a anorexia era registrada. Já quando se trata do cristianismo, Abuchaim (2002) discorre que esses dois transtornos alimentares citados anteriormente, a anorexia e a bulimia, eram consideradas restrições alimentares, em que, por exemplo, utilizando-se de jejuns de dias os fiéis julgavam estar demonstrando a sua devoção e fé, acreditavam que aquele ato era como um milagre divino. Isso só foi mudar com a chegada dos protestantes, que achavam que aquilo era uma obra do demônio.

Seguindo a linha cronológica do estudo desse transtorno alimentar, Buckroyd (2000), argumenta que a bulimia só foi ser considerada um doença de mulheres jovens a partir de 1979, até então acreditavam que ela era extremamente rara. Nesse ano de 1979, Córdas e Claudino (2002) argumentam que Gerald Russell fez a primeira descrição sobre a Bulimia nervosa, e após isso tiveram grupos de propagação de pesquisa em vários países, e o estudo desse assunto avançou rapidamente. Após isso, apareceram várias tentativas de tentar defini-la, e também um interesse em saber pelo que era provocado esse transtorno alimentar, se era por uma causa genética, metabólica ou orgânica.

Em relação aos fatores que podem desencadear a bulimia, Buckroyd (2000) argumenta que um ou alguns traumas dão início a esse transtorno alimentar na vida das pessoas, como a morte de um dos pais ou de um(a) irmão(ã), doença mental ou física de um dos pais, estupro ou assédio sexual, abuso sexual, o fim de um relacionamento, a perda de um amigo íntimo, a saída da casa dos pais, entre outros tipos de trauma, dão início a bulimia nervosa. A autora ainda discorre que nem todas as bulímicas conseguem lembrar desse trauma.

Para entender porque a bulimia está mais presente nas meninas, é importante saber como aponta Buckroyd (2000) que tradicionalmente falando quando na adolescência os meninos tem alguma decepção, utilizam de atitudes inconsequentes e comportamentos violentos para colocar seu sentimento para fora. Utilizando sempre o externo como alvo, como por exemplo, pessoas e propriedades. Ao contrário dos meninos, as meninas, direcionam para si mesmas, pois procuram

formas de demonstrar esse sentimento sem prejudicar ninguém, além de si mesma, como por exemplo, a depressão, o auto-ferimento, a anorexia e a bulimia. Buckroyd (2002) ainda comenta que as bulímicas não sabem lidar com os sentimentos, ou é tudo ou nada, ou comem um banquete ou se privam de toda comida, isso acontece por causa da confusão de sentimento delas, elas não sabem se estão com muita fome ou se já estão cheias.

As profissões que tem mais incidência da bulimia nervosa como discorrem Abreu, Salzano, Vasques, Cangelli Filho e Córdas (2006) são os que o foco maior é a estética e o corpo, como moda, ballet e esporte.

Segundo DSM-V (2014) as compulsões e os comportamentos compensatórios ocorrem em média duas vezes por semana, por durante três meses. Buckroyd (2002) aponta que após os episódios de compulsão, a bulímica sente dois tipos de incômodo, o emocional e o físico. Ela se sente culpada pelo o que fez, e procura desfazer o excesso que comento. Córdas e Claudino (2002) lembram que neste momento aparece o vômito auto-induzido que é muito comum e encontrado em 95% das bulímicas, provocando um efeito imediato na redução da ansiedade.

Segundo Cordás e Claudino O vômito auto-induzido é um ato antigo na história da humanidade.

No antigo Egito, por exemplo, grande parte do papiro de Eber é dedicado ao estímulo e às virtudes do ato de vomitar. Segundo Heródoto, os egípcios vomitavam e usavam purgativos todo mês, por três dias consecutivos, julgando que “todas as doenças dos homens são oriundas da comida”. Na medicina grega é sabido que Hipócrates também recomendava a indução de vômitos por dois dias consecutivos todo mês como um método de prevenir diferentes doenças. Os romanos criaram o vomitorium, que lhes permitia alimentar-se em excesso durante os banquetes, e posteriormente vomitar em local reservado para esta finalidade, às vezes usando uma pena de ave para estimular o reflexo do vômito na garganta (CORDÁS E CLAUDINO, 2002, p.03).

O ato de vomitar não trás uma sensação boa como aponta Buckroyd (2002), ele acelera o ritmo do coração, isso causa tremedeira, suor e fraqueza. Mas nem todas as bulímicas utilizam desse método compensatório, algumas utilizam laxantes, por vezes mais do que o vômito. E é por meio desse método que elas algumas vezes são descobertas, quando alguma pessoa encontra os pacotes de laxante nas

coisas da bulímica. Pensando no sofrimento dos familiares, Byrne (2001) esclarece como as bulímicas se sentem e se comportam para que os parentes mais próximos tenham condições de ajudar.

Uma das formas mais estranhas e assustadoras do comportamento anormal da 'comilona' é a automutilação ou a autoflagelação. A profunda repugnância e a culpa esmagadora que sente após uma crise de voracidade podem fazê-la bater com a cabeça nas paredes (tal e qual!), esfregar as mãos e os braços contra uma superfície áspera até sangrar ou queimar as próprias coxas com pontas de cigarros. A dor física põe fim momentaneamente, 'à intolerável angústia mental, espiritual e emocional que ela não é capaz de suportar (BYRNE, 2001, p. 64).

Kaplan; Sadock e Grebb (1997) argumentam que sobre os tipos de tratamento para a bulimia nervosa, têm a psicoterapia individual de enfoque cognitivo comportamental, terapia de grupo, terapia familiar e a farmacoterapia. É importante levar em conta se esse paciente tem algum outro transtorno. Pois, a preocupação não é só tratar a bulimia, mas também os transtornos que a acompanham, como por exemplo, o transtorno de humor e transtorno de personalidade. Rennó e Cataldo (2014) afirmam que é muito importante a participação dos pais em todos os tratamentos, pois é dos pais que virá o apoio, o amor, a contenção e os limites que irão precisar para poder se desenvolver.

Freire e Andrada (2012) defendem que a bulímica transita no universo da vergonha e recebe sua marca de excesso no descontrole de um corpo onde o sujeito não se sente bem em sua própria pele. O excesso, marca da compulsão é o retrato dos limites vacilantes do corpo na bulimia. As autoras acreditam que comendo até se empanturrar, a bulimia torna-se uma tentativa de trocar essa 'pele psíquica', para depois, vomitar tudo e esvaziar-se completamente, tentando trazer as 'bordas do corpo' até seu ponto mais irreduzível: os ossos.

Pelo exposto fica evidente que os transtornos alimentares não são meramente desvios de conduta alimentar: eles mostram o quanto comer e ser são inseparáveis. Freire e Andrada (2012) argumentam que a recusa da relação com o alimento e via de conseqüência com o vínculo afetivo com o outro, a relação ambivalente com o alimento e com o afeto ou a incapacidade de separar o alimento, afeto e existência são todas modalidades de existir. Desta forma, os transtornos

alimentares surgem como uma marca no corpo, expressando aquilo que não pode ser dito.

Não podemos esquecer que na contemporaneidade vive-se uma cultura na qual predomina uma junção entre idéias de felicidade e a posse de bens de consumo, de status e de constantes condições de provocar o fascínio e a admiração do outro. Trata-se de uma oferta ilimitada muito voltada para o ter em detrimento do ser. Dessa maneira, governada pelo consumo sem freios, por um modelo calcado no espetáculo e na performance, essa cultura voltada para o prazer e para a supressão da capacidade de pensar e refletir acaba influenciando na construção da subjetividade do ser humano, principalmente dos adolescentes. Assim, percebe-se que o corpo explicita o padecimento psíquico que tem origem não só no desamparo intrapsíquico, mas também na precariedade de condições advindas desse contexto cultural.

Romaro e Itokazu (2002) defendem que a mídia e o imaginário coletivo parecem estabelecer uma estreita relação entre a forma do corpo e a saúde, como se todos os regimes, dietas, exercícios físicos pudessem ser utilizados no sentido do indivíduo se cuidar melhor. Nos últimos anos a valorização excessiva da forma e do peso do corpo tem levado muitas pessoas, principalmente mulheres, a verdadeiros sacrifícios que podem comprometer a saúde, como dietas radicais e exercícios físicos em excesso, com o intuito de conseguirem chegar ao corpo ideal.

Os transtornos alimentares configuram uma categoria psicopatológica ainda cercada por amplo desconhecimento por parte da população em relação às características, à evolução e ao tratamento, o que acaba gerando incompreensão por parte de familiares, parceiros afetivos, amigos, professores e colegas de trabalho. Por ser uma condição crônica estigmatizante, esse desconhecimento incrementa o isolamento social das pessoas acometidas, aumentando seus sentimentos de solidão e desamparo ante os desafios encontrados no processo adaptativo.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Foram analisadas 53 revistas *Veja* no período de um ano. Encontramos 1003 matérias e 1385 anúncios. Percebendo já de início que a revista tem mais anúncios do que matérias. Um exemplo disso é a edição 2509, que tem 14 matérias e 47 propagandas, mostrando uma diferença considerável entre a veiculação de produtos jornalísticos e os anúncios publicitários.

No começo do ano, em janeiro, por exemplo, a revista tinha menos anúncios e matérias se comparada aos outros meses do ano. O início do ano é marcado também por uma maior quantidade de material jornalístico. A edição 2459 foi veiculada contendo 22 matérias e 11 anúncios, a edição 2460 saiu com 19 matérias e 13 anúncios e a edição 2461 foi disponibilizada com 17 matérias e 15 anúncios. Neste primeiro mês do ano apenas a edição 2462 possuía mais anúncios do que matérias, sendo 21 campanhas publicitárias e 19 textos jornalísticos.

A maioria dos anúncios estão relacionados a moda e comida, mostrando sempre pessoas bonitas, felizes, bem vestidas ou se alimentando de comidas visualmente belas. Elas podem tomar o espaço de uma ou duas páginas inteiras, ou até mesmo estar na ponta de uma página. Como as propagandas sobre hospedagens. As capas da revista são, em sua maioria, opinativa e mostram como a revista pensa em relação aquele assunto. Como podemos lembrar a crise política de 2016. Das 53 revistas analisadas, 36 capas estavam relacionada à política brasileira tendo como um dos focos o ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva que foi o centro de sete capas da revista. É importante destacar o fato de que no mês de março todas as revistas trouxeram Lula como temática central da capa.

Nesse período de um ano de revista, foram encontradas poucas matérias em relação a transtornos alimentares, aproximadamente 0,1% do total de 1003 matérias na revista. Na edição 2478 do mês de maio, encontramos uma matéria sobre dismorfia corporal, um transtorno da imagem ainda pouco conhecido pela sociedade. Esse transtorno está relacionado à forma como a pessoa vê o próprio corpo. De acordo com o texto veiculado na revista, o transtorno pode ser acompanhado de

outros distúrbios, como por exemplo, a anorexia e bulimia. Fazendo assim apenas uma citação desses transtornos alimentares.

Com relação à quantidade de textos jornalísticos o mês de agosto com 113 matérias é o que possui mais produção e o mês de fevereiro com 62 textos é o que possui menos. Com relação aos anúncios o mês de maio se destaca com 140 campanhas publicitárias e janeiro com 60 anúncios é mês com menos investimentos publicitários na revista. Das 53 revistas analisadas encontramos apenas uma matéria que trabalhou de forma indireta o tema da bulimia. Uma temática que afeta adolescentes e que comprometem as relações familiares e pessoais das pessoas que possuem o transtorno alimentar acaba não sendo lembrada nas pautas produzidas pela revista.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar as 53 revistas disponíveis no acervo digital da revista Veja, foi possível perceber que o conteúdo sobre a bulimia nervosa não fez parte do conteúdo publicado em 2016 pela revista Veja. Concluímos assim, que para estudar como a mídia nacional aborda a bulimia se faz necessário compreender as relações que geram o processo de adoecimento. Percebe-se, no entanto que esse é apenas um componente do campo da saúde, e não necessariamente o mais importante, mas é o que muitas vezes a mídia coloca em pauta em suas notícias. Mas é importante que se diga que repensar o modelo vigente não é uma tarefa fácil, mas uma busca constante de superação do modelo biomédico de saúde.

Concluímos por meio desta pesquisa que a questão da saúde depende mais dos interesses e da ideologia dos grupos políticos e economicamente poderosos que controlam a mídia, do que de sua validade médica ou científica. Com isso, percebe-se que a saúde e a doença são construídas através da mediação social com o outro que atualmente pode ser feito pela mídia. Esta concepção acaba chegando até a população por meio das matérias veiculadas na mídia nacional que contribui para a manutenção do modelo biomédico dominante. Não conseguimos perceber por parte

dos jornalistas uma preocupação em abordar a bulimia levando em consideração a prevenção. Desta forma, concluímos que a mídia está mais preocupada com a publicação de notícias factuais, ou seja, apenas o que está acontecendo no momento. Assim, as matérias relacionadas à bulimia só vão integrar as páginas das revistas nacionais quando uma pessoa famosa for diagnosticada com o transtorno alimentar. Até isso acontecer, não há nenhum interesse em buscar produzir textos que possam servir de alerta e de prevenção às “Doenças da Alma”, mais especificamente às chamadas “Doenças da Imagem” onde os transtornos alimentares se encaixam.

REFERÊNCIAS

Abreu, C. ; Salzano, F. ; Vasques, F. ; Cangelli Filho, R. ; Córdas, T. Síndromes psiquiátricas: diagnóstico e entrevista para profissionais de saúde mental. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ABUCHAIM, A. L. G. Aspectos históricos da anorexia nervosa e da bulimia nervosa. In: NUNES, M.A.; APPOLINÁRIO, J.; ABUCHAIM, A.; COUTINHO, W. (Orgs). *Transtornos Alimentares e Obesidade*, Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 2002.

ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; CUNHA, Gleicimar Gonçalves. **Representações Sociais do Desenvolvimento Humano**. In. Revista: Psicologia: Reflexão e Crítica, 2003, 16(1), p. 147-155.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edição revista e atualizada. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa-Portugal: Edições 70, 2009.

BUCKROYD, Julia. *ANOREXIA E BULIMIA: Esclarecendo suas dúvidas*. São Paulo: Ágora, 2000.

CARDOSO, E.A. de O. & SANTOS, M. A. (2014). **Psicodinâmica dos transtornos alimentares**: indicadores do teste das pirâmides coloridas de Pfister. In. Psico-USF, Bragança Paulista, v. 19, n. 2, p. 209-220, maio/agosto.

CÓRDAS, T. A.; CLAUDINO, A. M. Transtornos Alimentares: fundamentos históricos. **RBP: Revista Brasileira Psiquiatria**. v.24 (Supl III). p. 3-6. 2002.

FREIRE, D. de Sá & ANDRADA, B. C. C. (2012). A violência do/no corpo excessivo dos transtornos alimentares. In. Cad. Psicanál.-CPRJ, Rio de Janeiro, v. 34, n. 26, p. 27- 36, jan./jun. 2012.

Ferreira, A. B. (1999). Novo Aurélio século XXI: *o dicionário da língua portuguesa*. (Ed. 3, p. 340) Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Kaplan, H; Sadock, B. e Grebb, J. *Compêndio de Psiquiatria: Ciências do Comportamento e Psiquiatria Clínica*. 7. Ed. Porto Alegre: Artmed, 1997.

LAHLOU, Saadi. Difusão das representações e inteligência coletiva distribuída. In. ALMEIDA, Angela Maria; SOUZA SANTOS, Maria de Fátima e TRINDADE, Zeidi Araújo (Orgs.). **Teoria das Representações Sociais: 50 anos**. Brasília: Technopolitik, 2011.

RENNÓ, S; CATALDO, A. Anorexia, bulimia e o ambiente familiar. Rio de Janeiro: Editora Lacre, 2014.

ROMARO, , R. A. & ITOKAZU, F. M. (2002). **Bulimia nervosa**: revisão da literatura. In. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2002, 15(2), pp. 407-412.

SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In. GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. (orgs.). **Textos em representações sociais**. 12ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

VEJA. São Paulo: Abril, edição 2459, ano 49, n. 1, 6 janeiro 2016.

VEJA. São Paulo: Abril, edição 2460, ano 49, n. 2, 13 janeiro 2016.

VEJA. São Paulo: Abril, edição 2461, ano 49, n. 3, 20 janeiro 2016.

VEJA. São Paulo: Abril, edição 2462, ano 49, n. 4, 27 janeiro 2016.

VEJA. São Paulo: Abril, edição 2477, ano 49, n. 19, 11 maio 2016.

VEJA. São Paulo: Abril, edição 2478, ano 49, n. 20, 18 maio 2016.

VEJA. São Paulo: Abril, edição 2509, ano xx, n. xx, 21 dez. 2016.